

DESENHO DE OBSERVAÇÃO: UMA NOVA FORMA DE PERCEPÇÃO

GABRIEL ATKINSON ALVES¹; THAIS SEHN²

¹Universidade Federal de Pelotas – Gabriel.Atkinson7@Gmail.com¹

²Universidade Federal de Pelotas – ThaisSehn.prof@Gmail.com²

1. INTRODUÇÃO

A prática do desenho pode alterar a percepção do artista sobre o universo ao seu redor. Na pesquisa em andamento, busca-se compreender a transformação da percepção do mundo tridimensional ao ser aplicada em suportes bidimensionais através dos traços. O ato de desenhar faz com que se olhe para o objeto representado de forma distinta, atentando-se mais às formas, linhas, nuances e sombras. Neste trabalho será investigado de que formas é possível perceber essa mudança na visão do observador, através da revisão bibliográfica e do relato da percepção empírica do pesquisador ao cursar as disciplinas Fundamentos do Desenho I e II, do curso Artes Visuais Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas, ministradas pela prof. dra. Thais Sehn.

O desenho também é um exercício de desaceleração do tempo. O constante aumento do uso de câmeras, mídias e suportes digitais pelos artistas, designers e ilustradores, acaba diminuindo o contato com o mundo externo e com a “vida tridimensional”. A experiência de isolamento durante a pandemia do COVID-19 evidenciou o valor de aproveitar/criar oportunidades de viver o “mundo exterior”, de se conectar com as pessoas, com os animais, com a natureza e até mesmo com as vias urbanas. Assim procurou-se valorizar e respeitar o tempo presente no exercício de desenhar, de olhar e perceber dentro da contemporaneidade, desacelerando esse tempo bombardeado por fotos, imagens digitais, o excesso de informações e a euforia urbana em busca da constante necessidade de “ganho” de tempo.

2. METODOLOGIA

Este trabalho está sendo realizado como uma pesquisa qualitativa, a partir da revisão bibliográfica dos autores Félix Scheinberger, Paul Valéry e Rafael Paniagua, e da experiência empírica do autor como observador participante na disciplina de desenho já mencionada (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2009).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde a primeira tentativa de desenhar algo, a partir da observação, aprende-se que são duas coisas muito distintas que se percebe, é imensa a diferença entre ver algo sem o lápis na mão e vê-la desenhando-a. O desenho não é a forma, é a maneira de ver a forma, como dizia o artista francês Edgar Degas (1834-1917) (VALERY, 2012). Mesmo objetos familiares, tornam-se excêntricos quando procura-se desenhá-los: percebe-se o quanto era ignorado, e que não ele havia sido *realmente visto*.

Rafael Paniagua, professor e artista espanhol, aponta que, mesmo equipados com um complexo aparelho perceptivo, a noção da origem das ideias é desconhecida e quase tudo que une o significado aos sentidos foi separado, deixando um estado de atrofia experimental e analfabetismo afetivo. (PANIAGUA, 2018). O olho, como um intermediário, guia os passos, movimentos comuns, mas sempre por efeitos,

consequências ou ressonâncias de sua visão, substituindo-a, e portanto abolindo-a no próprio fato de desfrutar dela (VALERY, 2012), assim como o uso exacerbado das fotografias pelos smartphones contribuem para uma banalização da imagem e do *ver*. "A atenção não é uma reconexão instantânea, espontânea ou imediata com o objetivo, o real ou o verdadeiro, mas o árduo e generoso gesto de se colocar em suspenso diante da indeterminação para imaginar novos sentidos" (PANIAGUA, 2018, p.65). Ao tentar perceber as linhas formas e traços de tudo que tenta-se representar em papel, a desorientação se faz imediata e então, uma forma diferente de se contemplar é *ativada*. A percepção das coisas não pode se tornar precisa sem desenhá-las, e não se pode desenhar essas coisas sem uma atenção voluntária que transforma de forma notável o que antes acreditava-se perceber e conhecer bem. O desenho de observação de um objeto concede ao olhar um comando alimentado pela vontade. Deve-se *querer* para *ver*, e essa visão deliberada que tem o desenho como *fim* e como *meio* simultaneamente. Degas fala sobre "o modo de ver", que deve, portanto, ser entendido amplamente e incluir: *modo de ser, poder, saber, querer*. Tentar representar um objeto de modo fiel, exige o estado mais *desperto*, sendo que essa atenção deve interromper a cada instante o curso natural dos atos. (VALERY, 2012, p.62)

O desenho exige a colaboração de aparelhos independentes que estão sempre pedindo para resgatar os automatismos que lhe são próprios. O olho quer vagar; a mão arredondar, tomar a tangente. Para garantir a liberdade do desenho (...) é preciso se desvencilhar das liberdades locais. É uma questão de governo... Para deixar a mão livre no sentido do olho, é preciso suprimir sua liberdade no sentido dos músculos; em particular, amaciá-la para traçar em qualquer direção, o que ela não gosta de fazer (VALERY, 2012, p. 62).

Tocada pela memória e pelo desejo, a percepção cria e transforma a realidade material. Não revelando sua transparência, mas inserindo ativamente em sua densidade, "A percepção dá forma ao mundo" (PANIAGUA, 2018 p.65). A cidade muda de acordo com quem as olha, de acordo com a que se atenta, e no entanto, pode parecer a mesma. A memória interfere o comando da mão pelo olhar, fazendo-o indireto. O traçado manual se transforma desde o visual. "Cada relance de olhos para o modelo, cada linha traçada pelo olho, torna-se elemento instantâneo de uma lembrança, e é de uma lembrança que a mão sobre o papel vai emprestar sua lei de movimento" (VALERY, 2012, p.63).

O desenho se faz por segmentos e porções, onde as grandes chances de erro emergem. É de fácil ocorrência que os elementos fiquem fora de uma mesma escala, que contenham inexactidão ao unir-se uns aos outros. Valery conta um paradoxo, onde todas partes de um retrato infiel são boas, o todo, no entanto, detestável, sendo o pior desenho dessa espécie, tendo cada um dos segmentos em conformidade com o modelo. "Mas a *soma* é tão facilmente *não-conforme* quanto cada um de seus elementos é facilmente, e quase necessariamente, *conforme*..." (VALERY, 2012 p.63). "O artista avança, recua, debruça-se, franze os olhos, comporta-se com todo o corpo como um acessório de seu olho, torna-se por inteiro órgão de mira, de pontaria, de regulação, de focalização.." (VALERY, 2012, p.66). Como afirma Paniagua (2018): "A infinita diversidade sensorial incita a imaginação e mobiliza a força criativa que lembra que não somos apenas criaturas, mas também existências criativas"; o autor propõe a arte como oportunidade para cultivar a atenção, cuidar dos nossos sentidos, a fim de recuperar-nos da

inquietação e da indiferença. "Perceber com arte", onde formas, gestos e significados tomam novos conceitos.

Ao desenhar, se dispõe a viver uma experiência, onde se pode ressignificar e reaprender gestos básicos de existência, assumindo o prazeroso esforço de recuperar a sensibilidade para vida.

Se descuidamos de nossa capacidade sensorial de entrar em contato com "a realidade" — e, portanto, de transformá-la —, devemos refazer nosso vínculo com ela, aproximando-nos para que ela possa ser sentida e, ao mesmo tempo, possa nos sentir, capacitando-nos a operar nela em todas as suas nuances (PANIAGUA, 2018, p.63).

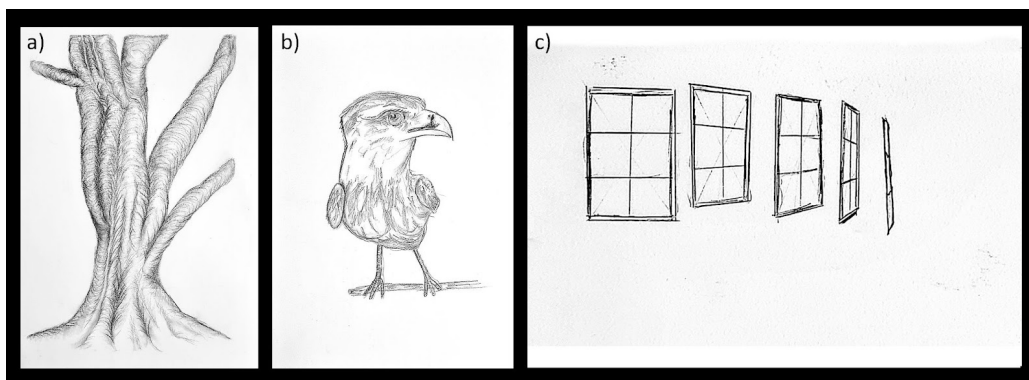


Figura 1

Sheinberger (2017) deixa claro como uma conexão com o que está a ser desenhado traz grande influência sobre a obra: "Os objetos são interessantes quando estão, de alguma maneira, relacionados a nós" (SHEINBERGER, 2017, p.127). Nesse sentido, os traços não são um simples registro fotográfico, mas sim parte do artista, chegando ao suporte através da sua percepção, percorrendo suas entranhas.

Nos desenhos da figura, os assuntos observados tiveram destaque dentre outros semelhantes. Foram todos executados em saídas de sala durante as aulas de Fundamentos do Desenho 1. No desenho "a", a árvore específica chamou atenção do artista por suas ranhuras e entroncamentos. Ao parar para desenhá-la, foram observados detalhes que até então não eram notados, como os "joelhos" e junções que a árvore carrega. Em "b", o assunto também se encontrava entre outras aves similares, contudo essa captou a atenção por sua posição diferenciada. Ao riscar seus traços, foram observados diferentes tons, linhas e marcas de vida no corpo do animal. A figura "c", chamou atenção após ser escolhida para o desenho, quando foi evidenciado suas marcas do tempo e seu estilo, que remete a outra época, além dos diferentes aspectos em suas diferentes perspectivas.

Uma câmera fotográfica, por exemplo, não tem ponto de partida, não olha para o conjunto, não busca relações entre as linhas ou as superfícies, não age sobre o assunto, não podendo assim, o viver e o transformar, e tampouco *transformar-se*.

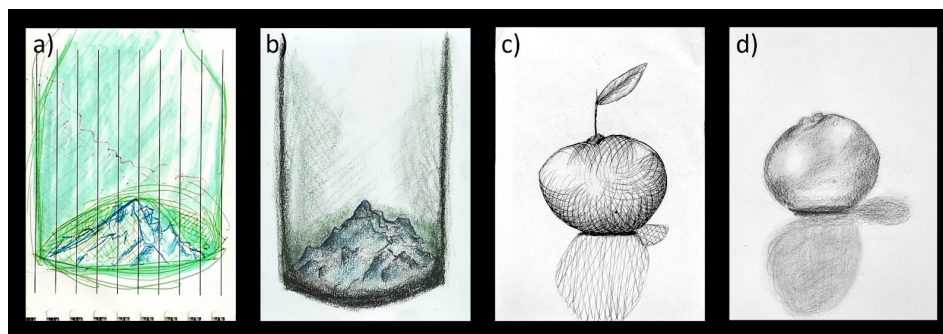


Figura 2

Certas desigualdades, de mesmo sentido, ou conjuntos perfeitos que não bem encaixam com os outros, fazem o valor do artista, tornando cada traçado único. Não haverá nunca o mesmo em dois indivíduos diferentes, evidencia Valery. "a alteração particular que o modo de ver e executar de um artista impõe a essa representação exata, - Esse tipo de erro pessoal faz com que o trabalho de representar as coisas com o traço e as sombras possa ser uma arte" (VALERY, 2012, p.63).

No desenho "a", ganha destaque a espontaneidade do momento de execução, redesenhado, o desenho "b", segue remetendo ao momento de execução inicial, com grande valor afetivo, ativado pela memória. Nos desenhos "c" e "d", se percebe como objetos tão familiares se tornam tão distintos ao serem representados, mesmo durante um mesmo momento. Estilos de traço e ângulos divergentes fazem o assunto se tornar completamente novo.

4. CONCLUSÕES

O desenho de observação proporciona voltar ao contato com a realidade, expande percepções, agrega prazer e diversão ao ato e a vida. E em última referência a Paniagua (2018), que tanto auxiliou nesta construção, a ousadia de viver novas experiências, ter novas expectativas e possibilidades, assim como a observação do que importa com sensibilidade, atenção e cuidado, são para quem não aceita um mundo já definido, engessado em normas já concebidas, não aceita um mundo já dado.

Ter a devida atenção requer dedicação, confiança, paciência e tempo para "perder", sem se preocupar "pra onde isso vai dar". Mesmo após o fim dessa experiência, esse tempo será deveras ganho e eternizado no suporte. Entende-se então, que os traços não são sobre o assunto observado, mas sim, sobre nós mesmos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R., **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PANIAGUA, R.S. **O sentido em todos os sentidos**. São Paulo. 33ª Bienal, 2018.

SCHEINBERGER, F. **Dare to Sketch**. Nova York: Watson-Guption, 2017.

VALERY, P. **Degas Dança Desenho**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.